

SERTANEJO: UM PERSONAGEM MÍTICO

Mireya Suárez*

... sertão é lugar que, simultaneamente, se afirma e se nega, é tempo sobretudo de outros tempos, é reino do fantástico e do mítico.

FERNANDO CRISTÓVÃO

Resumo

Neste artigo, a autora discute a categoria *sertão*, procurando mostrar como o seu conceito está permeado de imagens afetivas e sentimentais, o que faz com que ele seja tão resistente ao estranhamento antropológico.

Pretendo fazer uma reflexão sobre a categoria *sertão*, procurando mostrar, em primeiro lugar, que ela resulta do que Rosaldo (1984), ao tentar desconstruir a dicotomia pensamento/emoção, chamou "pensamento encarnado" ou "sentimento refletido". Acredito, como Rosaldo, que pensamento e sentimento nunca existem separadamente e vejo, no entendimento que temos do sertão, uma constatação notável dessa afirmação, porque pensar o sertão é uma experiência cultural permeada por imagens afetivas, por sentimentos e também por sentimentalismos. *Sertão* é um conceito extremamente resistente ao estranhamento antropológico porque, parafraseando Geertz (1983), evoca uma experiência tão próxima que, na ausência de um conceito de experiência distante que permita estranhá-lo, deixa o etnógrafo perdido no que é

*Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

evidente (quem, por acaso, não saberia o que é sertão?) e envolvido com a narrativa mítica (sertão é a região agreste do Brasil onde perduram tradições e costumes antigos).

Depois de mostrar o modo como cheguei a entender o que é o *sertão*, passarei a examinar dados colhidos, em 1972, no município de Arraias, situado, atualmente, no Estado de Tocantins. Com base nesses dados, proponho que um dos conceitos de experiência distante que permitiria interpretar a categoria *sertanejo* é o de personagem: personagem principal de uma narrativa mítica sobre a conquista da civilização pela nação brasileira.

Sertão: um conceito de experiência próxima

Com o propósito de complicar o óbvio, evoco a minha experiência de estrangeira recém-chegada ao Brasil e ao Planalto Central. Sendo estrangeira, meus ordenamentos mentais mostravam-se freqüentemente inapropriados para orientar a prática com suficiência, pelo menos durante o tempo em que ainda não era capaz de encontrar sabedoria nos provérbios ou de achar graça nas piadas. Entretanto, essa mesma condição limitante habilitava-me para estranhar, sem qualquer esforço deliberado, o que para todos era evidente. Dentre as noções que me pareciam mais estranhas e fascinantes estavam as de *sertão* e *sertanejo*.

Em 1970 estabeleci residência em Brasília para ensinar na UnB. Havendo nascido e vivido no Panamá, cujos 75 mil km² impedem que seus habitantes submetam ao pensamento regiões nacionais vastas, a magnitude do Brasil sempre foi, para mim, um fato impressionante. Além disso, havendo vivido no México e nos Estados Unidos, também países de grandes dimensões, cogitava que, diferentemente do Brasil, aqueles países careciam de um nome que pudesse exprimir o significado *sertão*. O tamanho do país não parecia estar associado aos significados que tanto me intrigavam.

O programa de fim de semana da minha família, como o da maior parte das famílias dos professores da UnB daquela época, era freqüentar os diversos clubes que ofereciam um lazer encapsulado e, portanto, seguro e garantido. Invariavelmente, viajávamos para o Rio de

Janeiro ou para qualquer outra praia durante as férias. Sempre que manifestava o desejo de mudar esses programas para visitar os entornos da novíssima capital, obtinha diversas modalidades de uma só e curiosa resposta: "O que é que você faria no sertão? Não há nada lá."

Cogitava que, mesmo não havendo nada nele, o sertão era mentalizado como lugar, situado num espaço. Entretanto, como os lugares de verdade de Herman Melville, que não estão em mapa algum (apud Turner, 1990), o sertão era ignorado pelos cartógrafos, incumbidos de mostrar as divisões geopolíticas e os tipos de vegetação e de climas, porém não as "regiões mentais" (Bassin, 1991; Pandya, 1990).

Tentando esclarecer a resposta tantas vezes ouvida, dei-me conta que quando diziam que nada havia no sertão queriam dizer que nele *não havia praia*. Porém, a carência através da qual se definia o sertão era mais ampla: para os habitantes de Brasília, na sua maioria imigrantes por força das circunstâncias mais do que por opção pessoal, nenhum caminho conduzia à região que circundava a cidade porque sua aspiração mais preemente era "voltar para casa". Dizer que nada havia no sertão também significava, portanto, que nele *não estava a casa*.

Entretanto, os brasilienses daquela época concebiam o sertão não apenas através do que ele não era (não era o litoral e nem a casa), mas também afirmando seus atributos, dentre os quais destacavam-se a naturalidade e periculosidade. Diziam que sertão era o lugar onde pouco antes de erguida a moderna capital havia somente índios, onças e um grupo de fazendeiros e boiadeiros rústicos que cuidavam de pequenos rebanhos soltos nas pastagens naturais.

O sertão estava ausente nos mapas, como lugar, e também na literatura sociológica conceituada, como objeto de estudo. Os atributos dos sertões e dos sertanejos apareciam freqüentemente nesse tipo de literatura, porém, como linguagem para se falar sobre diversos objetos de estudo, tais como o bandeirantismo, a marcha para o oeste, a etnologia indígena e principalmente a modernização regional. Assim mesmo, pouco tinham escrito os cientistas sociais sobre outras localidades do Planalto Central que não fossem Brasília e, até certo ponto, também Goiânia e Goiás Velho.

A escassez da bibliografia impunha dificuldades óbvias para definir os contornos de uma pesquisa que fizesse do sertão um objeto de estudo, como era meu propósito. Entretanto, passei a acreditar que essa

escassez era, em si mesma, uma informação muito valiosa porque reiterava, no âmbito da ciência autorizada, a percepção de senso comum de que "nada havia no sertão". Além disso, em aberto contraste com a cartografia e a literatura sociológica, existiam textos historiográficos e de ficção que faziam do sertão e dos sertanejos os sujeitos das suas narrativas, notadamente *Grande sertão: veredas* e *Os sertões*. Parecia-me que a idéia de que "nada havia no sertão" encontrava sua mais plena confirmação no fato de ele somente aparecer legitimamente, como objeto dos olhares e dos dizeres, no campo da narrativa de ficção ou, no caso de *Os sertões*, da narrativa de fatos históricos com transcendência mítica.¹

Nesses textos de ficção, o sertão e os sertanejos apareciam marcados pela ausência de civilização e também por presenças intensas, como a geografia do cerrado e a cultura vaqueira rústica. Parecia-me que, no contexto dessas narrativas, a cultura era naturalizada porque o significado de *cultura rústica* apontava menos para o que é feito de maneira grosseira, tosca ou simples e mais para o que é dado pela natureza.²

Depois de numerosas tentativas de decifrar *Grande sertão: veredas*, consegui sentir-me relativamente à vontade perante seu estilo narrativo. Verifiquei o sabido por todos os leitores da obra: o sertão é, para Guimarães Rosa, simplesmente o mundo, em qualquer tempo e espaço, sempre perigoso. Mas, como esse grande movimento de transcendência é realizado a partir de uma matriz regional, a obra passou a ser de interesse para minhas reflexões localistas porque, nas evocações de Riobaldo, o sertão acontece num passado muito próximo, está situado num espaço preciso e é um mundo particular de pastagens e rebanhos, à margem da civilização:

Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O senhor va. Alguma coisa, ainda encontra. Vaqueiros? Ao antes – a um, ao Chapadão do Urucuia – aonde tanto boi berra... Ou o mais longe: vaqueiros do Brejo-Verde e do Corrego do Quebra-Quinaus: cavalo deles conversa cochicho que se diz – para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar.

A respeito da ausência de civilização, o prefácio de M. Cavalcanti Proença a *Os sertões* parecia-me muito eloquente:

Ninguém antes de Euclides apontara o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios, mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos.

A literatura de ficção também descrevia o caráter dos sertanejos através da marcação de ausências e presenças: faltava a eles civilização, existia neles força e coragem. Cavalcante Proença também destacava, no mesmo prefácio, a força que Euclides da Cunha atribuiu aos sertanejos:

Como na tragédia, é o destino que, desde logo, assinala o que se vai perder. Postam-se um diante do outro, os irmãos: o *mestiço neurastênico do litoral* e o sertanejo, que é, *antes de tudo, um forte*.

Ainda a respeito do caráter sertanejo, também foi significativo para mim que, na introdução à edição inglesa de *Grande sertão: veredas*, Jorge Amado destaque, para leitores estrangeiros, que Guimarães Rosa descreveu os sertanejos como "...great bandits, leaders of outlaws ...indomitable and turbulent men and women".

Foi nesse contexto e nesse tempo que percebi que o *sertão* e o *sertanejo* não eram termos usados para referir-se apenas a uma região e a uma tradição, mas elementos constitutivos do pensamento social que constrói a idéia de nação brasileira. Muito embora o pensamento social recorra a esses termos para marcar os contornos da nação, o poder significativo de *sertão* e *sertanejo* transcende esse pensamento para atuar no campo da narrativa mítica.

O exame sistemático da historiografia e da literatura de ficção mostraria que sertão e sertanejos ocorrem nelas na conjunção do passado e do futuro, como cenário e personagem central de uma narrativa mítica que conta o surgimento dramático da civilização na nação brasileira. Sob essa perspectiva, o prefácio de Cavalcante Proença parece-me, hoje, ainda mais significativo:

A sociedade sertaneja, que é o cerne da nacionalidade será destruída pelas tropas que representam o Brasil litorâneo, perplexo e na maior incompreensão dos problemas com que se defronta. E a luta começa; os sertanejos são vencedores nos primeiros combates e, como na tragédia, acreditam que vão abater o inimigo; antegozam o triunfo e trocadilham com ironia, chamando a força expedicionária, *fraqueza do governo*. Os leitores, que fazem de platéia sabem que o destino do sertão já foi traçado, o *Factum* já lhe estabeleceu a perda.

O exame cuidadoso dos subtextos das obras de ficção e das historiográficas poderia firmar o que aqui aponto como possibilidade: existe um mito que narra o surgimento da civilização na nação brasileira a partir do sertanejo, um brasileiro de caráter forte com maneiras primitivas. A civilização que é, conforme Elias (1994), a consciência que o ocidente tem de ser superior, requer que os sertanejos sejam reiteradamente derrotados e banidos.

Dessa perspectiva, sertanejo não é o portador de uma identidade ou cultura particular. Também não é um tipo de personalidade, nem o habitante de uma determinada região. Sertanejo não é pessoa, mas personagem principal de uma narrativa dramática sobre a nação. Como personagem de uma estória dessa magnitude, seus feitos, caráter e maneiras servem de propósitos descritivos no cotidiano.

Sertanejos no sertão

Quando, em 1972, iniciei uma pesquisa de campo no município de Arraias, sem nunca ter visitado antes qualquer sertão, eu já sabia o que ele era. Em acentuado contraste com a moderníssima Brasília, qualquer sertão deveria ser pastagens naturais, cultura vaqueira rústica, imobilidade... reflexão do passado no presente.

Certamente não é por acidente que uma das afirmações centrais do trabalho produzido (Suárez, 1979) é que o processo produtivo em Arraias era altamente ajustado às condições ambientais e que, ao longo dos últimos cem anos, tinha experimentado mudanças apenas superficiais. Parece-me que, hoje, eu faria a mesma afirmação, mas

incorporando na análise o diálogo não com a teoria sociológica, mas com a narrativa de ficção e a historiografia de transcendência mítica, que fazem do imobilismo e da rusticidade sertanejos um imperativo de sentido ou significado.

Desde os primeiros dias de trabalho de campo, a variedade ecológica do município foi uma das temáticas através da qual nossos informantes falavam, a título de conversa para distrair, sobre "quem era quem" em Arraias.

No município de Arraias, como de resto no Centro-Oeste, porções de floresta subtropical interrompem repentinamente o vasto cerrado. As pessoas da localidade chamam a floresta de *caatinga* e o cerrado de *sertões*. Estes termos têm um referente geográfico imediato, mas também são empregados para construir a história oral e para exprimir diferenças sócio-econômicas, de maneiras e de caráter. Por essa razão, o recém-chegado que deseja fazer perguntas relevantes terá que aprender a lidar com os numerosos significados implicados na distinção *caatinga/sertões*.

Os sertões, cujos solos, porosos e ácidos, permitiam apenas pequenos cultivos ao longo dos rios, cobrem aproximadamente 70% do total da área municipal. Em contrapartida, a abundância de pastagens naturais facilita a prática da pecuária extensiva. Este tipo de pecuária, conforme o entendimento comum, não requeria grandes investimentos já que os animais se reproduzem e crescem com pouca intervenção humana. Desde o começo da ocupação, iniciada com a extração de ouro no século XVIII, afirma a história oral, os homens adaptaram-se aos sertões mais do que adaptaram os sertões a eles. Por essa razão, os sertões são sempre os mesmos. Os movimentos migratórios da década de 60, conforme nossos informantes, causaram muito pouco impacto nos sertões, razão pela qual a população continuava sendo de nativos.

A *caatinga* se estende, ao noroeste, pelos 30% restantes do território municipal, configurando uma faixa delgada e contínua de solos úmidos que favorecem o cultivo. A *caatinga* é de ocupação mais recente que os sertões porque torná-la habitável e produtiva requer grandes investimentos. Sua ocupação data do início deste século, quando imigrantes procedentes da Bahia, que ali se instalaram, começaram a produzir alimentos para subsistência e comercialização. Entretanto, somente na década de 60, a ocupação tornou-se importante, com a

chegada de migrantes procedentes da Bahia, Minas Gerais e mais recentemente de São Paulo, que passaram a praticar uma pecuária baseada no cultivo de pastagens e a ter cuidados mais técnicos com os animais.

A população da caatinga é mais concentrada, permitindo que existam melhores serviços médicos e educacionais, como também uma atividade comercial mais intensa. Assim, quando comparada com os sertões, a caatinga é mais desenvolvida e apresenta níveis de bem-estar mais elevados. Porém, os sertões são limpos, saudáveis e generosos com os homens e seus rebanhos, enquanto a caatinga é suja, insalubre e hostil para com a ocupação humana. Além disso, carece da claridade e beleza dos sertões porque é escura, opaca e feia.³

A "rua", como era referida na linguagem do cotidiano a pequena cidade de Arraias, situa-se nos sertões. Ali estavam as agências do governo municipal, bem como as do Estado e as da Federação. Além disso, os serviços religiosos, educacionais e médicos concentravam-se largamente nesta cidade, como também as lojas comerciais.

Com raras exceções, as famílias residentes na "rua" ganhavam seu sustento das atividades agropecuárias. Mesmo que a maior parte delas fossem famílias de grandes e médios fazendeiros, também moravam na cidade famílias de pequenos proprietários e trabalhadores que procuravam facilidades educacionais para seus filhos e/ou meios de sobrevivência através do trabalho assalariado.

No discurso referente aos eventos históricos aparece um conjunto de termos em oposição que contrasta arraianos e "caatingueiros". *Os sertões têm uma longa história que se inicia vários séculos atrás.* A caatinga não tem história... é demasiado recente para tê-la. Pela sua longa história, *os sertões são fortes* enquanto a caatinga é fraca. Os arraianos e sertanejos existem desde os primeiros tempos como nativos dos sertões, já os "caatingueiros" chegaram recentemente de outros lugares e foram aceitos pelos arraianos, *os homens fortes dos sertões.* Estes homens preservaram seus domínios com firmeza, aumentaram seus rebanhos dia após dia e defenderam os interesses de Arraias junto ao governo. Na caatinga não há homens com essa força e as terras foram repartidas para o cultivo. Assim, entende-se que os "caatingueiros" sejam demasiado fracos para defender os interesses de Arraias.

Os arraianos são fazendeiros abastados (ou, pelo menos, não têm grândes necessidades insatisfeitas) e estão familiarizados com o ambiente e os modos de centros urbanos tais como Goiânia, Brasília e, preferivelmente, Rio de Janeiro e São Paulo. Eles moram na praça central da "rua". Recentemente, alguns estabeleceram suas residências em Brasília ou Goiânia, mas continuam a administrar suas fazendas e a pertencer à sociedade local.

Um segundo conjunto de oposições aparece no discurso sobre as maneiras de viver e o caráter das pessoas, contrastando "caatingueiros" e sertanejos: eles são povos diferentes. *Sertanejos não se juntam, vivem separados uns dos outros*. Os "caatingueiros" moram perto uns dos outros e são mais sociáveis que os sertanejos. Estes são *desconfiados, ignorantes e conservadores nas suas maneiras*. Costuma-se dizer que, na verdade, os sertanejos não criam gado, mas é o gado que os cria. Os "caatingueiros" não são assim. Eles são abertos, têm o tipo de entendimento que permite lutar pelo bem-estar e aceitam a modernidade com satisfação. Por isso é que a caatinga progride enquanto *os sertões continuam adormecidos*.

Como se pode observar, no diagrama a seguir, dentro da temática histórica aparece a oposição "caatingueiro"/sertanejo e arraiano. Entretanto, mesmo que tanto arraianos como sertanejos sejam nativos dos sertões, eles são claramente distinguidos pelo discurso sobre os modos de viver e caráter. Neste discurso, os moradores do sertão não são todos sertanejos. Os arraianos são descritos, recorrendo ao contraste com os "caatingueiros", como uma categoria de homens fortes que compartilham da mesma classe e são urbanos. Os sertanejos são apresentados, recorrendo também à comparação com os "caatingueiros", como o protótipo da carência de civilização.

TEMÁTICAS	C A T E G O R I A S		
	Caatingueiros	Sertanejos	Arraianos
Histórica	São imigrantes recentes	Existem, desde sempre, como nativos dos sertões	
Maneiras	<ul style="list-style-type: none"> •Moram perto uns dos outros •Abertos •Esclarecidos •Modernos •Fracos 	<ul style="list-style-type: none"> •Moram longe uns dos outros •Desconfiados •Ignorantes •Conservadores 	<ul style="list-style-type: none"> •Moram na praça central •Fazendeiros •Abastados •Urbanos •Fortes

Enquanto a categoria arraiana refere-se a um grupo social, definido em termos de poder e posição no processo produtivo, as de “caatingueiro” e sertanejo apontam para as maneiras de falar, agir, compartilhar, comer, beber, legislar etc., que distinguem povos civilizados e atrasados. Trata-se de uma versão popular do discurso erudito sobre o eterno e imutável sertão.

As pessoas de Arraias explicavam aos recém-chegados sobre “quem era quem” em Arraias, com grande riqueza de detalhes. Entretanto, algumas delas também observavam que esses assuntos não deviam ser levados muito a sério porque o objetivo da conversa era distrair o visitante. Este, por sua parte, no início brincava com as distinções — como se estivesse praticando a maneira correta de usá-las —, mas, depois de algum tempo, passava a ignorá-las, como se fossem fatos simplórios da vida cotidiana.

Abstract

In this article, the author discusses the category 'sertão', demonstrating how it is pervaded by affective and sentimental images, turning it resistant to the anthropological 'estranhamento'.

Notas

- 1 A respeito da construção do texto histórico, White (1994, p. 77) afirma que “(...) o historiador deve abeberar-se no lastro de *mythoi* fornecido pela cultura a fim de construir os fatos de modo a configurar uma estória de tipo particular, da mesma maneira que deve recorrer ao mesmo lastro de *mythoi* existente na mente de seus leitores para conferir ao seu relato do passado o odor de sentido ou significado”.
- 2 Porém, a rusticidade atribuída aos sertanejos pode exprimir uma quebra da dicotomia natureza/cultura ao invés de sua reafirmação. A esse respeito, Schettino (1995) escreve que “para representar a paisagem do sertão, adoto aqui a idéia de continuidade entre natureza e cultura (...). Na profundidade de campo da paisagem sertaneja os objetos classificados como da natureza e da cultura misturam-se no interior de outros conjuntos classificatórios.”
- 3 Os atributos opostos limpo/sujo, saudável/insalubre e claro/escuro também aparecem no discurso racial, contrastando brancos e negros, mas nenhuma das pessoas de Arraias alguma vez explicitou que existisse alguma relação, nem mesmo no nível metafórico, entre as zonas ecológicas e as raças.

Referências Bibliográficas

- BASSIN, Mark. Inventing Siberia: visions of the Russian east in the early nineteenth century. *The American Historical Review*, v. 96, p. 3, 1991.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- CRISTÓVÃO, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). *Revista USP*, n. 20 – Dossiê Canudos. 1993-1994.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GEERTZ, Clifford. From the native's point of view: on the nature of anthropological understanding. In: _____. (Org.). *Local knowledge: further essays in interpretative anthropology*. New York: Basic Books, 1983.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- PANDYA, Vishvajit. Movement and space: andamanese cartography. *American Ethnologist*, v. 17, p. 4, 1990.
- ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. In: SCHWEDER, R.; LEVINE, R. A. (Orgs.). *Culture theory: essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SCHETTINO, Marco P. F. *Espaços do sertão*. Brasília, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UnB (em elaboração).
- SUÁREZ, Mireya. *Everlasting golden sertões: the study of a productive process in the brazilian central plateau*. Cornell, 1979. Tese (Doutoramento em Antropologia) – Universidade de Cornell.
- TURNER, Fredrick J. *O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.